

# HÁ CINQUENTA ANOS, EM 1973...

---

## FIFTY YEARS AGO, IN 1973...

Diana Luz Pessoa de BARROS<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto, uma mistura de depoimento e de artigo, procura mostrar o papel do curso ministrado por Greimas no Brasil, em julho de 1973, não apenas como um elemento facilitador da recepção da semiótica discursiva, mas, sobretudo, como o gesto fundador de uma escola de semiótica no Brasil. Foram observadas três principais decorrências do curso de 1973: a oportunidade de participação em um “seminário de Greimas”; a fundação do Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas; e a criação da revista *Significação* – Revista Brasileira de Semiótica, órgão oficial de publicação do Centro.

**Palavras-chave:** Recepção da Semiótica no Brasil. Centro de Estudos Semióticos. Revista *Significação*. Enunciação. Seminário.

---

<sup>1</sup> Professora da UPM - Universidade Presbiteriana Mackenzie, professora da USP - Universidade de São Paulo e pesquisadora do CNPq. E-mail: dianaluz@usp.br

**Abstract:** The text, a blend of testimony and article, seeks to highlight the role of the course taught by Greimas in Brazil in July 1973, not only as a facilitator for the reception of discursive semiotics but, above all, as the founding gesture of a semiotics school in Brazil. Three main outcomes of the 1973 course were noted: the opportunity to participate in a "Greimas seminar"; the founding of the A. J. Greimas Center for Semiotic Studies; and the establishment of the journal *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, the official publication agency of the Center.

**Keywords:** Reception of Semiotics in Brazil. Center of Semiotic Studies. Signification Journal. Enunciation. Seminar.

Em estudos anteriores, procuramos tratar da recepção da semiótica discursiva no Brasil e também na América Latina (2012). Serão retomadas, resumidamente, algumas dessas reflexões, apenas no que diz respeito ao Brasil, para focalizar este estudo no ano de 1973. Neste texto, misturam-se pessoas do discurso, confundem-se papéis temáticos de jovem deslumbrada e de velha professora que continua a acreditar, embaralham-se memórias diversas, individuais e coletivas.

No Brasil, a semiótica discursiva foi introduzida nos anos 1960, em São Paulo, na Universidade de São Paulo e na Faculdade de São José do Rio Preto, hoje Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", por linguistas e estudiosos da literatura – Ignacio Assis Silva, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Alceu Dias Lima e Tiekō Yamaguchi Miyazaki –, que leram *Sémantique Structurale* e acreditaram ter aí encontrado um bom caminho para o exame dos sentidos dos textos e, por meio deles, para que se conhecessem melhor a sociedade e a cultura brasileiras. Graças a esse entusiasmo teórico dos professores no Curso de Letras da Unesp de São José do Rio Preto e incentivada pelo professor Alceu Dias Lima, inscrevemo-nos em 1969, no último ano do curso, no Consulado da França para uma bolsa de estudos em Paris.

Para tratar desse período de bolsista em Paris e contextualizar o ano de 1973, vamos retomar alguns parágrafos do texto *A formação do semiótico: experiência e paixão semióticas* que publicamos, em primeira pessoa, na revista *Estudos Semióticos*, 13 (Barros, 2017), edição especial em homenagem ao centenário de Greimas:

A bolsa, com duração de um ano, forneceu-me a oportunidade de elaborar a dissertação de mestrado e representou, para quem saiu de Monte Aprazível, a ocasião de desenvolvimento cultural e intelectual e de aprendizagem de vida. Procurei inscrever-me em um grande número de cursos e seminários e deles participar ativamente, sobretudo na escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e no Centro Experimental de Vincennes. A primeira coisa a dizer sobre esse período e, sobretudo, a sentir é a lembrança de que foi um deslumbramento para a jovem interiorana de Monte Aprazível, alojada provisoriamente na Rue Tournefort e tendo assim, logo de chegada, a oportunidade de vagar, em pleno ano de 1970, pela Rue Mouffetard e de sentar-se em café na Place de

la Contrescarpe. Graças a meus professores em Rio Preto, Eduardo Peñuela Cañizal, Ignacio Assis Silva e Alceu Dias Lima que, como outros professores e pesquisadores da América Latina, haviam lido *Semântica estrutural* e percebido ali uma nova forma de tratar da linguagem, eu também havia lido *Semântica Estrutural* na Faculdade, entendido apenas um pouquinho, mas sentido e pressentido muito, e com esse “trunfo” e a falta de noção dos 20 anos, fui ver Greimas na hoje Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Contei a ele que estava me candidatando ao Diploma da Escola, que gostaria de obter com sua orientação. Ele foi gentilíssimo, quase paternal, e disse-me, em outras palavras, que isso era uma besteira, que o diploma da Escola não tinha nenhum valor fora da França, que eu deveria fazer uma *maîtrise* na Universidade francesa e encaminhou-me a Bernard Pottier. Aceitou-me também como participante regularmente inscrita em seu Seminário de Semântica Geral, nome do Seminário na época. Com a mesma inconsequência de jovem e interiorana fui ver Pottier, a quem disse que queria fazer uma análise, na perspectiva de Greimas, de quatro contos de Maupassant e, pasmem, ele me aceitou, com toda certeza, devido à indicação de Greimas. Daí resultou a dissertação *Structure actantielle dans quatre nouvelles de Maupassant*, aprovada em 1971 na Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle e reconhecida como mestrado na Universidade de São Paulo. E Greimas e a Semiótica, a partir daí, entraram para valer, na minha vida.

O Seminário de Greimas de 1970-1971 acontecia, semanalmente, na Rue de Varenne, em uma sala bem pequena e apertada no térreo, onde mal cabíamos – muitos ficavam em pé ou no chão –, enfumaçada – fumava-se bastante na época, sem medo ou culpa. Para mim, ao lado de uma atividade escolar, o Seminário era um momento de crescimento, vivido muito sensorialmente, conforme essa primeira descrição. Os alunos de Greimas mais adiantados, entre os quais eu não me incluía, apresentavam seus trabalhos, que o mestre discutia, criticava e elogiava. Foi um momento de boa aprendizagem da teoria por meio da prática analítica comentada e, principalmente, a ocasião de sentir que começava ali um projeto coletivo em que se acreditava e para o qual se trabalhava, ainda de forma incipiente, em um grupo coeso. Lembro-me bem de dois dos meus colegas que eu admirava e dos quais sentia um pouquinho de inveja pelo convívio mais próximo com Greimas e pelo pertencimento ao grupo ou à escola pressentida: François Rastier e Paolo Fabbri, com seu Inferno de Dante. E Paolo era também um “estrangeiro”. Quantas esperanças! Poderia dizer aqui, com Guimarães Rosa, em *Desenredo*, que *Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles (no meu caso, ela) de enorme milagre. O inebriado engano*. Inebriado é um bom termo para descrever esses meus primeiros momentos passionais com a semiótica, pois inebriado significa segundo o Aurélio: bêbado, embriagado, extasiado, entusiasmado, enlevado. Some-se a isso o fato de o seminário acontecer na Rue de Varenne, quase em frente ao Museu Rodin, para cujo jardim povoado de beijos e pensadores íamos no intervalo, sem permitir que, mesmo na pausa, o arrebatamento arrefecesse. Bons tempos de crenças e projetos.

Assim já tínhamos vivido a experiência, lembrada com saudade, de participar de um seminário de semiótica em Paris, quando o grupo de professores mencionado, e sobretudo Edward Lopes, trouxe Greimas ao Brasil, em julho de 1973, para ministrar um curso de semiótica da narrativa. Foi, sem dúvida, o início datado do processo de formação de semioticistas no Brasil e de institucionalização da semiótica discursiva junto aos cursos de Letras, e também de Comunicação. Já, então, participavam dessa empreitada Diana Luz Pessoa de Barros e Jose Luiz Fiorin, ex-alunos e colegas na universidade desses professores.

Várias foram as decorrências diretas e indiretas do curso de Greimas. Vamos mencionar três delas: a oportunidade de participar de um “seminário de Greimas”; a fundação do Centro de Estudos Semióticos (na ocasião Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas); e a criação da revista *Significação* – Revista Brasileira de Semiótica, órgão oficial de publicação do Centro.

Os seminários de Greimas tiveram papel fundamental no desenvolvimento teórico e metodológico da semiótica e foram marcos na formação das novas gerações de semioticistas. Neles discutiam-se questões metodológicas, projetos comuns, política acadêmica e científica. A tradição do encontro e das discussões em grupos era uma experiência agradável e produtiva, que mostrava outro modo de se encararem a pesquisa e a produção científica e intelectual. Elas eram concebidas como projetos coletivos, de que muitos participam e para cujo desenvolvimento todos contribuem com suas pesquisas individuais. Ora, em 1973, o curso de Greimas foi um Seminário, no sentido que acabamos de lhe dar, e permitiu que muitos de nossos colegas e alunos vivessem essa experiência única, sem ter ido aos seminários de Paris. Foram dias de muita conversa entre nós e com Greimas. Só isso explica o entusiasmo e a força das ações que ao “Seminário” se seguiram e que levaram à criação do Centro e da Revista. Estávamos todos unidos.

No nosso caso, particularmente, já havíamos participado do seminário de 1970-1971 em Paris, conforme descrevemos, mas o pertencimento a que nos referimos fez-se sentir, pela primeira vez, na magia de 1973. Durante o curso no Brasil, Greimas disse que, ao nos ver entre os alunos em Ribeirão Preto, ele havia se sentido em “casa”, já que participáramos de seu Seminário em Paris. Acontecera o “enorme milagre tão esperado”.

O Centro e a Revista, criados em decorrência do Curso de semiótica narrativa, tiveram papel inegável na formação de pesquisadores e na divulgação dessa linha de pesquisa semiótica. No Centro de Estudos Semióticos, nos primeiros momentos, a formação se fazia com apostilas, preparadas, com muito cuidado, por Ignacio Assis Silva. Mais tarde, já no final dos anos 1980, foram publicados livros de fundamentos de semiótica em português: *Teoria do discurso. Fundamentos semióticos*, em 1988, e *Teoria semiótica do texto*, em 1990, de Diana Luz Pessoa de Barros; *Elementos de análise do discurso*, em 1989, de Jose Luiz Fiorin. Atualmente, há outros livros de fundamentos semióticos, no Brasil.

Os membros do Centro exerciam atividades de docência e pesquisa, sobretudo na Unesp, em São José do Rio Preto e em Araraquara, e na Universidade de São Paulo – no Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e na Escola de Comunicações e Artes. Nessas universidades formou-se a maioria dos pesquisadores em semiótica no Brasil e desenvolveu-se grande parte dos projetos de pesquisa na área. Com o Centro de Estudos Semióticos e o ensino na universidade, em cursos de graduação e de pós-graduação, esse primeiro grupo cresceu, formaram-se semioticistas do discurso para diferentes universidades e novos núcleos de pesquisa se constituíram também em outras regiões do país. Muitas gerações de semioticistas surgiram desse tronco comum. As primeiras gerações no Brasil têm já “netos” e “bisnetos” intelectuais, doutores em Semiótica. Elas levaram a sério a tarefa que Greimas apresentou em seus seminários iniciais, inclusive no brasileiro: ofereceram cursos introdutórios e avançados nas universidades em que trabalhavam, escreveram apostilas e livros de fundamentos, desenvolveram aspectos teóricos e metodológicos, fizeram muitas e variadas análises, traduziram para o português estudos dos semioticistas franceses. Esses estudiosos estavam ligados à tradição universitária, com dois tipos de formação, principalmente: na área de Letras (linguística, teoria literária) e na de Comunicação e Artes. A formação institucional em semiótica, com a disciplinarização universitária, é um dos traços característicos de sua recepção e desenvolvimento no Brasil (e na América Latina, em geral) e, sem dúvida, o que lhe deu mais força e permitiu a adequada conciliação entre a novidade e a tradição. Já desde os anos 1970, são oferecidas disciplinas semióticas em licenciaturas, bacharelados e cursos de pós-graduação. Que ano mágico e simbólico foi 1973 para os estudos semióticos no Brasil!

A revista *Significação* – Revista Brasileira de Semiótica publicou seu primeiro número em 1974. Fazíamos parte do Conselho Editorial, com Alceu Dias Lima, Evaldo Amaro Vieira e Ignacio Assis Silva. Da Apresentação, chamamos a atenção para a parte que segue, que explicita sua relação com o curso de 1973:

Este número de SIGNIFICAÇÃO homenageia o patrono do **Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas**, conforme decisão unânime dos participantes do curso sobre **Semiótica da Narrativa** por ele ministrado em julho de 1973, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Barão de Mauá*. Serviram de ponto de convergência para os artigos aqui reunidos os trabalhos já publicados de A. J. Greimas bem como a teoria desenvolvida no decorrer do mencionado curso, cujas ideias, desse modo, aqui se prolongam.

Nesse primeiro número, de 267 páginas, foram publicados 13 textos. O texto de abertura, de Greimas (1974, p. 9-25), *L'énonciation (une posture épistémologique)* era um texto inédito, que foi muito procurado e continua a ser muito discutido. Esse ineditismo é mais um elemento a comprovar o caráter fundador do “seminário” brasileiro. Não trataremos desse texto aqui, pois, neste mesmo número da *Revista CASA*, há um artigo de Jose Luiz Fiorin sobre ele. Queremos, porém, fazer um comentário: a partir dos estudos de Jose Luiz Fiorin sobre a questão (1996), é possível afirmar que a enunciação,

como instância de discursivização da língua, é essencial para que a linguagem se torne um discurso. Quando a enunciação é levada em consideração, o objeto dos estudos da linguagem muda e se torna a língua em uso. E a Semiótica converte-se, assim, em um novo projeto de ciência. Na epígrafe de seu prefácio da tradução francesa de *Le langage*, Greimas retoma uma frase de Hjelmslev, que cabe bem aqui « Mais pour un savant il n'y a rien de plus beau que de voir devant soi une science à créer ». Era assim que nos sentíamos: tendo parte e compromisso com uma ciência que se criava. Não é coincidência que o texto do Curso escolhido para aparecer no primeiro número de *Significação* seja sobre a enunciação.

No número 3 da Revista, já bem mais tarde, em 1982, um segundo texto do curso de Greimas (1982, p. 4-13) *Métaphore et isotopie* foi publicado. O texto termina com a frase: « Rien ne serait plus faux que de s'imaginer la sémiotique faite : si elle était faite, pourquoi en parlerait-on? » (p. 13). Greimas ia delimitando, ao mesmo tempo, as qualidades de um semioticista e as de uma semiótica concebida como um projeto científico em construção, e por muitas mãos e vozes. O texto anteriormente citado sobre a enunciação (1974, p. 25) também fala ao semioticista em formação:

C'est à dire que tout est possible chez des gens qui passent de l'un à l'autre mais il faut que l'homme soit lucide de ce qu'il fait et qu'on ne glisse pas imperceptiblement, que la vie soit un projet volontaire et non pas des circonstances ou des glissements dont on n'a pas à apprécier le poids. Vous voyez ce que je veux dire : prenez, assumez tel direction ou telle autre, mais non pas par glissement, par ignorance, par manque de lucidité. C'est là le véritable problème pour la sémiotique.

Na *Significação* nº 4 (1984), Edward Lopes e Ignacio Assis da Silva publicaram um relatório (*O Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: 1973-1983*) sobre os 10 primeiros anos do Centro, com uma lista de publicações de seus membros e de mestrandos e doutorandos formados por e entre seus membros. Nesse texto, fazem referência ao Curso de Greimas de 1973, ressaltando seu papel no desenvolvimento da semiótica no Brasil: "O êxito do curso foi tal que data daí a criação do CESAJG, bem como de seu órgão oficial de publicação, SIGNIFICAÇÃO – Revista Brasileira de Semiótica" (p. 2).

A revista *Significação* não foi o primeiro projeto de publicação de revista do grupo. Em 1970, foi publicada a *BACAB – Estudos semiológicos*. A ruptura ocorrida em 1973 aparece já nos nomes das revistas: *BACAB – Estudos semiológicos* e *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*. A Semiótica já se distingue, então, da Semiologia, no nome da revista e no embasamento teórico de seus artigos. Embora, na contracapa do primeiro número de *BACAB*, os termos semiologia e semiótica sejam apresentados como sinônimos ("Ciência geral dos signos, a Semiologia ou Semiótica tem...."), é da semiologia francesa que nele se trata, e a principal referência é Roland Barthes (1970).

O Curso/Seminário de 1973 precisa, portanto, ser lido como o momento do acontecimento na semiótica brasileira, quando o herói Edward Lopes e seus companheiros realizaram o feito mítico de fundar a semiótica no Brasil. E com isso podemos terminar por onde começamos, fechando o círculo e passando do mito à História datada e vice-versa: Era uma vez..., bem no início da semiótica greimasiana, professores e pesquisadores no Brasil que leram *Semântica estrutural*, perceberam ali uma nova forma de tratar da linguagem, tiveram relação mais pessoal com Greimas e, com entusiasmo e muito trabalho, formaram uma escola de semiótica no Brasil. Há cinquenta anos, em 1973.

Como uma espécie de *post-scriptum*, duas questões devem ser observadas, passados 50 anos: a primeira delas é que não houve um mero transplante da teoria para aplicá-la irrefletidamente nos objetos culturais e sociais do Brasil, mas uma construção teórica e metodológica, que contribuiu para o avanço da semiótica em geral; a segunda é que a preocupação central dos semioticistas que desenvolveram suas pesquisas no Brasil (e na América Latina, em geral) foi sempre a de explicar os processos de significação do homem, da sociedade e da cultura brasileiros.

## **| Referências**

BARROS, D. L. P. de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *Revista de Estudos da Linguagem* – UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 119-148, 2012.

BARROS, D. L. P. de. A formação do semioticista: experiência e paixão semióticas. *Estudos Semióticos*, edição especial em homenagem ao centenário de A. J. Greimas, v. 13, n. 2, parte I, p. 1-5, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2017.141598>

BARTHES, R. Sintagma e sistema. *BACAB – Estudos Semiológicos*, São José do Rio Preto, p. 33-59, 1970.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

GREIMAS, A. J. Préface à la traduction française. In: HJELMSLEV, L. *Le langage*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1966. p. 7-21.

GREIMAS, A. J. L'énonciation (une posture épistémologique). *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, Ribeirão Preto, p. 9-25, 1974.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. Tradução Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1973.

GREIMAS, A. J. Métaphore et isotopie. *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, Araraquara, p. 4-13, 1982.

LOPES, E.; SILVA, I. A. O Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: 1973-1983, *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, Araraquara, p. 1-17, 1984.

**Como citar este trabalho:**

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Há cinquenta anos, em 1973... **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 25-32, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v16i2.18608>.